

COISAS QUE ACONTECEM  
SE VOCÊ ESTIVER VIVO



MARCO SEVERO

# Coisas que acontecem se você estiver vivo

*1ª reimpressão*



## Sumário

Como aprendi a contar meus anos,	11
Crescer,	16
O valor do gesto,	19
As cidades dentro da cidade,	22
Por trás de todo grande escritor...,	27
A utopia de um mundo melhor?,	34
O tempo é um telhado de vidro,	40
A arte de querer bem,	45
Como nossos pais?,	48
Desterro,	53
O que vem depois do antes,	56
Os muros da casa da minha irmã,	57
Corrupto, quem?,	62
Duas histórias de liderança,	67
Paz e amor ao contrário,	73
Tempo de escola,	78
Tudo bem mudar alguém?,	81
A palavra como ponte para a travessia,	84
Da leveza necessária ao viver,	89
Carências do contemporâneo,	93

A felicidade (im)possível, 96  
Tornar teu o do outro, 99  
Ventos fortes, 103  
A resposta de Nietzsche, 109  
Deite-se e imagine-se morto, 115  
Flor do deserto: o nascimento de Vênus, 119  
Pra que serve um prêmio literário?, 122  
As crianças inquebráveis, 126  
Das dificuldades do desapego, 131  
Leitor de riachos, 135  
Várias vidas, uma outra, 140  
Em quanto tempo um livro se torna um livro?, 143  
Dar conta, 147  
Sinal (aberto para o fim) dos tempos, 150  
[O prazer de] ser cronista, 155

*Este livro é para minhas três gatas,*

*Aiko*

*Akira*

*Yuki*

*Decidiram que eu deveria aprender a amar.  
Vocês três apareceram e ensinaram-me como.*

*E em memória de Mishima, alegria breve.*



*Cambia lo superficial  
Cambia también lo profundo  
Cambia el modo de pensar  
Cambia todo en este mundo  
(...)  
Y así como todo cambia  
Que yo cambie no es extraño*

*Mercedes Sosa, Todo cambia*





## Como aprendi a contar meus anos

Não penso num ano bom pelos lugares que visitei, os amigos que fiz, as comidas novas que experimentei, as belezas da vida que passei a ver. Essas são contingências do ato de viver em si mesmo, e um espírito aberto e mais ou menos sensível aproxima todas essas possibilidades.

Da mesma forma, não penso num ano ruim pelos enterros aos quais fui, pelas brigas de Facebook que testemunhei, quedas de avião, perdas de emprego ou a morte de artistas queridos e de familiares. Isso tudo também faz parte do fato de estarmos vivos, e deve ser enfrentado com sobriedade, respeito pelo seu próprio tempo de elaboração do luto e preferencialmente ao lado de alguém que possa ajudá-lo a se pôr de pé.

Hoje, meço os meus anos de vida pelos livros que leio.

Olho para as listas de livros que vou lendo a cada ano com a complacência de um pai que observa o filho pequeno dormir. O zelo, a admiração, o respeito pela identidade uno, que narcisicamente também é você e ao mesmo tempo é um outro, dissociado; todos os sentimentos se enfeixam de uma tal maneira que tornam a descrição mais acurada impossível, tal o embotamento das ideias, das sensações.

Observando hoje a lista de alguns anos atrás, por exemplo, me pergunto como pude perder tempo com algumas bobagens que hoje seriam deixadas de lado, enquanto outras, bem sei, foram capazes de edificar minhas torres,

salvaguardar-me de precipícios, e, por fim, me deram a possibilidade de tornar-me quase imortal.

E eu digo quase porque, claramente, a literatura é capaz de tudo, mas ela também encontra as resistências de um mundo por demais humano. Afinal, claro que você perde pontos se sua alimentação for desregrada e exagerada: não há bônus literário suficiente para suprir o preço que pagamos fisicamente por aquilo a que não conseguimos resistir.

Mas quem aí almeja ser imortal? E para quê?

Volto meu olhar para aquele amontoado de nomes de escritores e títulos, e percebo que ganhei dias de vida ao ler muitos daqueles livros. Aprendi que determinados livros aumentam nosso tempo de passagem pela vida, são eles a verdadeira ambrosia do mundo.

Basta ir a uma livraria num sábado à tarde. Veja aquela enormidade de crianças, cujos pais e mães estão lá, deitados, lendo livros para elas. Ou que estão correndo com livros nas mãos, ou ainda simplesmente deixando o filho correr solto, irrompendo na tênue linha que cobre a descoberta do ainda-por-descobrir, as aventuras literárias do porvir, num universo que só tem a engrandecer. É quase onírico.

Essas crianças ainda não sabem, mas um dia entenderão por que são elas as que chegarão aos 120 anos: começaram a ser regadas cedo. E quanto mais cedo se lê bons livros, mais dias de vida se ganha.

A geração anterior à minha começou relativamente tarde e, por isso, poucos são os que passam de 80.

Ainda assim, como não se comprazer no mais etéreo gozo ao descobrir-se diante de uma obra que rasga as suas verdades, que lhe arrebatava, comove, e faz de você quem você não era até ali? Pois é essa obra que tira você de si

mesmo, que chacoalha suas colunas de sustentação, que lhe deu mais tempo neste mundo.

Repare em si próprio: você termina aquele romance estrondoso, que passa dias ecoando na sua vida. Sim, aquele mesmo romance sobre o qual você se pegava pensando nos momentos mais sem relação possível do seu dia, como quando você sentou na cadeira e pegou no controle remoto, quando trancou o carro e se dirigiu ao elevador para finalmente chegar em casa, depois de longas horas de trabalho, ou naqueles minutos finais antes do seu cérebro se desligar completamente ao final do dia. Em alguns dias – poucos, bem verdade –, você sequer pôde lê-lo, de tão cansado ou atarefado que estava, mas dava aquela espiadinha, lia um ou dois parágrafos, não só por não poder dedicar-se mais a ele, mas em respeito ao próprio livro, ao qual, de tão bom, você não queria doar horas dispersas.

Pois foi este livro, que vinha sendo quase um nirvana na sua rotina, um oásis no meio da aridez diária, uma pausa na loucura caleidoscópica dos dias, depois de várias obras apenas razoáveis engatilhadas sucessivamente, que te faz concluí-lo e pensar: a melhor obra que li até agora, este ano.

Engraçado como tudo parece mudar à nossa volta. Subitamente, não perdemos mais a paciência no trânsito, respondemos com paciência de Jó à pergunta mais idiota, vinda de quem quer que seja, os horários apertados continuam os mesmos, mas se você vê que não vai dar pra chegar na hora, paciência; a culpa não é sua, que saiu no horário, mas do acidente inesperado que trava o trânsito – e você apenas aumenta o volume do som do carro e canta a plenos pulmões – e de vidro abaixado, afinal, quem é mesmo aqui que tem a vergonha de ser feliz?

Donde podemos concluir: a alegria, sabemos, faz tudo no corpo funcionar melhor, precisamos nem perguntar ao médico. Em resumo: ganhamos tempo de vida.

Há alguns anos, li *Kafka à beira-mar*, de Haruki Murakami. Foi meu primeiro livro dele. Terminada a leitura, eu soube, imediatamente, que tinha acrescentado mais alguns meses de vida ao que quer que eu fosse viver até então. Seguiram-se a este livro, *A elegância do ouriço*, de Muriel Barbery, e *Marilyn, últimas sessões*, de Michel Schneider. Aquele foi um ano bom. E eu ainda fui presenteado com mais vida, para, com um pouco de sorte, descobrir mais bons livros, que me levarão a outros... até morrer numa sucessão de anos particularmente ruins de leituras. Acontece.

O tempo cronológico é só um marcador, um cronômetro, um mecanismo para nos enlouquecer. Quantos não conhecemos que viveram muito, se contarmos no relógio do coelho de Alice, mas que foram tão infelizes – muitas das vezes, algo mencionado por eles próprios a amigos e parentes – de uma forma ou de outra?

Teriam estes lido pouco?

Não tenho como aferir se os mais felizes são os que leem melhor – e eu nem digo mais, porque ler aos borbotões pode significar uma outra coisa: um esconderijo para a tristeza, e não um recanto para a alegria e o regozijo. Ler melhor é, na verdade, ler aqueles livros que conversam com o mais secreto em nós mesmos. Que nos fazem compreender as pessoas, o mundo, a vida, de uma maneira mais cheia de entroncamentos, bifurcações, estradas, trilhas. São aqueles livros que nos dão o mapa para que exploremos o imperceptível, ou que nos fazem perceber a importância de uma dor, ou de uma alegria, que sentíamos e vínhamos tentando esconder de nós mesmos

e dos outros. Ler melhor talvez seja também fazer parte da criação artística do escritor, sentir-se coautor da obra, traduzi-la de tal maneira que possamos fazer da fresta na parede uma abertura escancaradamente nova, e magistral, para um universo que agora também nos pertence.

A mágica da literatura, que é vida, se dá quando abraçamos a possibilidade do pertencimento não como posse, mas como o entendimento de que somos um, e parte de um todo, feito de livros e leitores que caminham de mãos dadas, onde quer que estejam.

## Crescer

A primeira vez que me disseram que a fruta é a forma que a natureza criou para proteger a semente – em seu sábio e silencioso entendimento, aquilo que tem de mais importante para que outras plantas e árvores surjam e se proliferem, dando continuidade ao ciclo da vida –, eu tomei um susto. Para mim, era fascinante, quase mágico, como a natureza, em sua infinita sabedoria, poderia fazer existir algo que pode ser utilizado de tantas maneiras, apreciado pelos mais diversos paladares, ou virar material orgânico para alimentar o solo e gerar ou alimentar outras formas de vida.

É uma situação de quase incredulidade. Ainda assim, basta-nos observar: a semente fica lá, protegida, completamente envolta pelo todo a que chamamos de fruta, não facilmente violável. E ainda é possível pensar que, da maioria das frutas, não comemos a semente, o caroço, o que seja. Ele se vai de alguma outra maneira ou, quando ingerida por outros animais, pode sair nas fezes, ajudando a espalhar espécies de plantas por outros lugares e enriquecer o solo; se é ingerido da maneira correta, pode

conter elementos que também nos farão bem: permitem o auxílio à longevidade da nossa própria espécie.

Da mesma maneira, os livros.

Parados em prateleiras de casa, bibliotecas ou livrarias, são objetos de adorno apenas, se muito. No entanto, uma vez circulando, de meros objetos, passam a adquirir múltiplos sentidos, cada leitor sendo o responsável por significá-lo e expandi-lo.

Não é à toa que livros foram queimados em diferentes épocas na história da humanidade, da Inquisição ao nazismo, chegando aos dias de hoje, em que alguns livros ainda são banidos de escolas norte-americanas. Censores e ditadores sabem do que um livro é capaz.

Como grande entusiasta da leitura, compreendo que uma vida entre livros é uma vida transformada. Não há beleza que se equipare, exceto talvez a beleza estética, que é uma outra coisa, até certo ponto mensurável; enquanto a que vem da leitura é transcendente e incognoscível.

Não acredito, porém, num sentimento que costumo ler e ouvir de pessoas que acham que aqueles que leem são seres superiores aos que não leem. Por outro lado, não tenho dúvidas a respeito do horizonte amplo de quem lê. Mas há leitores capazes de cometer crimes cruéis, e não-leitores que fazem o bem a outros de uma maneira invejável e profundamente humana. Essa é uma outra questão, que me parece estar para além do livro e da leitura.

Foi Nietzsche quem disse que “a arte é a grande possibilitadora da vida, a grande aliciadora da vida, o grande estimulante da vida”. Em outras palavras, enquanto a vida é uma sucessão de acontecimentos que modificam nosso pensar e sentir a todo instante, e por isso mesmo não pode se considerar que seja sempre algo aprazível, a arte nos



mantém vivos, porque, sendo ela o tempero da vida, é capaz de nos dar um sentimento de pertença ao mundo, tantas vezes perdido durante uma existência.

Justificar uma vida através da leitura não me parece um exagero. E isso porque estou aqui fazendo um recorte, já que as artes são muitas e pego aqui a que mais me interessa.

Nada pode ser mais importante do que aquilo que nos faz crescer. E repare na pluralidade de sentidos desse verbo. Afinal, veja bem: um câncer não cresce, se alastra, se espalha, os verbos são outros, menos delicados. Uma flor, cresce. Um pão que alimenta, uma vez no forno, cresce. O amor cultivado, cresce. A biblioteca de um bom leitor, cresce. Ser irmão, pai ou mãe, é crescimento para a vida inteira, porque implica em acalentar sonhos e ajudar a realizá-los, e vida humana alguma existe sem outro verbo: sonhar. E sonhos, sabemos, são cultivados para que cresçamos.

Tudo o que nos faz crescer nos humaniza.